

DOSSIÊ TEMÁTICO



SER UMA PSICANALISTA LÉSBICA
A história de *Dorothy Tiffany Burlingham*,
a “amiga de toda vida” de Anna Freud.

Ligia Maria Durski¹

Resumo: A partir da biografia de Anna Freud - escrita pela psicanalista Elisabeth Youg-Bruehl, em 1992 - e de registros de sua relação com Dorothy Tiffany Burlingham, este artigo se configura em uma criação narrativa que contém dados considerados “reais”, bem como dados considerados “ficcional”, sobre a relação entre essas duas mulheres. Partindo da consideração de um lugar específico frente aos marcadores de gênero e orientação sexual, faço referência a Anna e Dorothy como as primeiras analistas lésbicas de quem temos registros na história da psicanálise para, então, pensar sobre se estes dois marcadores (mulher e lésbica) disparam ou não consequências, nuances, ações e reações no campo da teoria, da clínica, da formação e da transmissão em psicanálise. Tento, com essa fabulação, um diálogo com a história da psicanálise e com o dispositivo clínico na forma como o vivencio e interpreto, presentemente, na minha própria clínica e a partir desse lugar identitário específico que é “ser uma psicanalista lésbica”.

Palavras-chave: Psicanálise; Lesbianidades; Homofobia.

Being a Lesbian Psychoanalyst
The story of Dorothy Tiffany Burlingham,
Anna Freud's “lifelong friend”.

Abstract: From Anna Freud's biography - written by the psychoanalyst Elisabeth Youg-Bruehl, in 1992 - and from records of Anna's relationship with Dorothy Tiffany Burlingham, this article is a narrative creation that contains elements considered “real”, as well as elements considered “fictional”, about the relationship between these two women. First, will be considered a specific place of gender and sexual orientation markers to refer Anna and Dorothy as the first lesbian analysts of whom we have records in the history of psychoanalysis. Sequentially, I will think about whether these two markers (woman and lesbian) trigger consequences, nuances, actions and reactions in the theory, clinic, training and transmission in the field of psychoanalysis. With this fabulation, I try to dialogue with the history of psychoanalysis and with the clinical device in the way I experience and interpret it, at present, in my own clinic and from this specific identity that is “to be a lesbian psychoanalyst”.

Keywords: Psychoanalysis; Lesbianities; Homophobia.

A(s) primeira(s) psicanalista(s) lésbica(s)

Dorothy Tiffany Burlingham nasceu em Nova York no ano de 1891. Quatro anos depois, em Viena, nasceu Anna Freud. Dorothy era, então, quatro anos mais velha que Anna. A primeira

¹ Doutora e Mestra em Teoria Psicanalítica pela Universidade de São Paulo – USP, Psicóloga pela Universidade Federal do Paraná e Pesquisadora externa do GILDA – Grupo Interdisciplinar em Linguagem, Diferença e Subjetivação (CNPq/UFPR). E-mail: ligiadurski@hotmail.com

era libriana e, a segunda, sagitariana – ar e fogo: probabilidade de incêndio. Um amor escondido sob o título de “amigas por toda vida”².

Dorothy, como dita a boa e velha heterossexualidade compulsória³ (no caso, mais velha do que “boa”), aos 23 anos se casou com um homem e teve quatro filhos. Este casamento durou 7 anos. Foi na virada para seus 30 anos que Dorothy e Robert, seu marido, se separaram. Mesmo considerando os privilégios de classe, é possível imaginar o quanto deveria ser difícil uma separação, com quatro filhos, no ano de 1921. Pois Dorothy o fez.

Especialmente em decorrência de uma grave doença de pele que acometia seu filho e que fora diagnosticada como psicossomática, no ano de 1925, Dorothy se muda para Viena, buscando tratamento psicanalítico para seu filho e entrando ela própria em processo de análise com o psicanalista Theodor Reik. É nesse cenário que Dorothy e Anna se conhecem. Anna se torna psicanalista de todos os filhos de Dorothy.

Dorothy passa a fazer análise com Sigmund Freud, pai de Anna Freud e torna-se, então, ela própria uma psicanalista. Por aproximadamente 13 anos, Dorothy e Anna convivem em Viena. Não se sabe ao certo quando ambas se apaixonaram⁴. O fato é que ambas passaram intimamente ao longo de toda a vida, após haverem se conhecido, a ponto de Anna haver

² Em diversos documentos disponíveis na internet vemos a relação entre Anna e Dorothy ser nomeada de “amigas por toda a vida”. O seguinte trecho é direto quanto a isso: “Anna criou em 1925 o Kinderseminar (Seminário de Crianças), que se reunia no apartamento da Berggasse. Depois das experiências infelizes de Hermine von Hug-Hellmuth, tratava-se então de formar terapeutas capazes de aplicar os princípios da psicanálise à educação das crianças. No mesmo ano, conheceu Dorothy Burlingham, que se tornou sua mais cara amiga por toda a vida. Através dessa mulher, Anna realizou seu desejo de maternidade. Com uma espécie de devotamento místico, ocupou-se dos quatro filhos de Dorothy: Bob (Robert), Mabbie (Mary), Katrina (Tinky) e Michael (Mickey). Todos sofriam de distúrbios psíquicos mais ou menos graves e Anna lhes serviu de mãe, educadora e analista.” (ver mais em: <http://www.apvp.com.br/pensadores.php?ch=anna>)

³ Sobre a heterossexualidade compulsória, Adrienne Rich esclarece: “Algumas das formas de o poder masculino se manifestar são mais facilmente reconhecidas do que outras, ao reforçar a heterossexualidade sobre as mulheres. No entanto, cada uma das que eu sei que listei vem adicionar-se ao feixe de forças pelo qual as mulheres têm sido convencidas de que o casamento e a orientação sexual voltada aos homens são vistos como inevitáveis componentes de suas vidas – mesmo se opressivos e não satisfatórios. O cinto de castidade, o casamento infantil, o apagamento da existência lésbica (exceto quando vista como exótica ou perversa) na arte, na literatura e no cinema e a idealização do amor romântico e do casamento heterossexual são algumas das formas óbvias de compulsão, as duas primeiras expressando força física, as duas outras, expressando o controle da consciência feminina.” (ADRIENNE RICH, [1980] 2010, p.26)

⁴ É importante ressaltar que acesso o importante exemplo histórico - que segue até hoje causando divergências entre biógrafos e biógrafas – da provável relação amorosa entre Anna Freud e Dorothy Burlingham. Embora as informações não sejam conclusivas, e ainda que no campo da especulação (já que não pretendo aqui uma tentativa de estabelecimento da “verdade” desta relação), o que justificaria a negação de uma relação lésbica neste contexto? Quais seriam as consequências da lesbianidade para Anna e Dorothy naquele período histórico? E atualmente? Peço às leitoras e leitores deste texto que ficcionalizem comigo e abram espaço à narrativa do que poderíamos chamar do primeiro romance lésbico no campo das pensadoras psicanalistas.

Vale destacar que todas as referências de datas, bem como das circunstâncias factuais, para além da assertividade acerca da relação amorosa entre Anna e Dorothy, são baseadas em informações disponíveis na biografia de Anna Freud escrita por Elisabeth Youn-Bruehl no ano de 1988 – tais informações encontram-se extensamente disponíveis também online.



adotado os filhos de Dorothy e participado extensamente da educação destes, bem como haver construído com Dorothy todo o legado que posteriormente se configurou em uma parcela significativa do pensamento psicanalítico acerca do psiquismo infantil.

Junto com os Freud, Dorothy e seus filhos se mudam para Londres no ano de 1938. Dorothy com 47 anos e Anna com 44. Foram precisos ainda quase três anos para que ambas finalmente viessem a morar na mesma casa. Dorothy com 50 anos e Anna com 47. Dorothy morreu em 1979, um mês após seu aniversário de 88 anos, e Anna em 1982, três anos depois da morte de Dorothy e um mês antes seu aniversário de 87 anos. Entre encontros e desencontros, estas duas mulheres tiveram, paradoxalmente, uma vida compartilhada e dividida.

Outro ponto factual e profundamente simbólico: as cinzas de Dorothy estão hoje no Crematório de Goldens Green, em Londres, ao lado das cinzas de Anna Freud.

A questão é: por 39 anos este casal conseguiu, nas décadas de 40, 50, 60 e 70 morar sob o mesmo teto, construir juntas uma renomada instituição de psicanálise para crianças (chamado à época The Hamstead Clinic e fundado em 1951)⁵, escreveram livros com dupla autoria sobre psicanálise da infância e deixaram um legado até hoje vivo sobre a área. Por aproximadamente 55 anos, desde quando Dorothy conheceu Anna, este casal viveu sob o jugo de “amigas por toda a vida”. É fácil supor, ao ler algumas cartas de Anna Freud em sua biografia que por toda uma vida essas duas mulheres precisaram fingir, escamotear, esconder, distorcer, negar e mentir sobre a qualidade do vínculo amoroso que as unia – pairando no ar, inclusive, se ambas vivenciaram um amor aparentemente represado ou se conseguiram por tantos anos e morando no mesmo teto “sublimar” o desejo sexual ali pungente. Duas psicanalistas que certamente sabiam sobre as consequências destrutivas da moral sexual vigente sobre suas vidas pessoais e profissionais caso tal relacionamento fosse realizado e/ou revelado. Sair do armário nunca foi possível pra Anna e Dorothy.

Infelizmente, a história não mudou muito em termos de uma visibilidade sapatão no que se refere à psicanálise. Ainda é preciso fingir, escamotear, achar irrelevante, distorcer, negar e mentir nos ambientes psicanalíticos quando se é uma psicanalista lésbica, um(a) psicanalista trans, um psicanalista homossexual, etc. Nesse contexto, ocorre algo como uma desautorização institucionalizada uma vez que ser homossexual já traz na própria historicidade do tema em psicanálise uma tendência à patologização – mesmo que no discurso de muitos e muitas psicanalistas tal fato não seja admitido, mesmo que se defenda a perspectiva do caso a caso e

⁵ Vale acrescentar aqui o apagamento do nome de Dorothy na história de criação do instituto e o atual nome deste, uma vez que a instituição continua existindo nos dias de hoje. Atualmente o instituto se chama ANNA FREUD – National Centre for Children and Families.

que se condenem excessos de generalização, a homossexualidade por vezes é ainda hoje interpretada e descrita no âmbito da produção teórica psicanalítica como perversão, negação da castração e da diferença, fixação em estádios primitivos do desenvolvimento libidinal⁶ e narcisismo patológico.

Bem se sabe, aliás, que na formação psicanalítica mundial mais tradicional da história do movimento psicanalítico, a IPA (International Psychoanalytical Association), temos o que foi nomeado de “regra não dita”⁷, regra que paira até hoje como uma proibição de pessoas homossexuais para se autorizarem psicanalistas.

Ser uma mulher e homossexual é, então, algo duplamente rechaçado, uma vez que a teorização psicanalítica acerca da mulher, do feminino e da feminilidade⁸ também guarda um peso histórico de preconceito, machismo, misoginia, desqualificação, patologização e subordinação à cis-heteronorma.

Neste ponto sobre a mulher, o feminino e a feminilidade, no contexto da teorização freudiana, temos um interessante diálogo com uma autora psicanalista que produziu importantes reflexões - Luce Irigaray. Em seu livro “Esse sexo que não é só um sexo: sexualidade e status social da mulher”, a autora faz uma profunda investigação na obra freudiana, detalhando e analisando discursivamente o posicionamento de Freud frente ao “ser mulher” e à feminilidade. Luce Irigaray nos convida a perceber a reprodução insistente de Freud quanto a certo “destino” no ser mulher ou, ainda, sobre uma verdade desse suposto “ser”. Fica nítida em sua argumentação o quanto o discurso freudiano defendeu uma verdade do dito sexo feminino a partir de três pontos: abandono necessário do prazer clitóricano (nomeado masculino) para o prazer vaginal (nomeado feminino); substituição necessária de uma posição de busca por um exercício fálico, relegando a um casamento e à figura de um homem o “poderio” do exercício ativo, fálico e de porta-voz da Lei na figura do Pai. Cabendo com isso, à mulher, a renúncia final a qualquer desejo “ativo-fálico-masculino” a partir da inevitabilidade de um

⁶ É recorrente em argumentações psicanalíticas acerca de uma explicação sobre a homossexualidade a ideia de que esta se configura em uma fixação em “fases” libidinais ditas primitivas. Em linhas gerais, certas leituras da obra freudiana, propõe que existira uma sequência específica do desenvolvimento libidinal: a fase oral – fase anal – fase fálica – fase genital. No que se refere à homossexualidade, muitos autores defendem, por exemplo, que esta significaria uma fixação na fase oral ou anal. Também, outros autores argumentam que a homossexualidade se configuraria em um excesso narcísico a partir do qual ter como objeto de amor pessoas do mesmo sexo se equivaleria a um “amar a si mesmo”. O artigo “As múltiplas faces da homossexualidade na obra freudiana”, da psicanalista Luciana Vieira, podem auxiliar a/o leitora a compreender melhor este ponto. Ver em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482009000200006

⁷ Sobre este fato histórico, ver a dissertação de mestrado intitulada “História de uma regra não escrita: a proscricção da homossexualidade masculina no movimento psicanalítico”, de Lucas Bulamah.

⁸ Trabalho mais extensamente este ponto em:

http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1498920819_ARQUIVO_TRABALHOFINALPAR_AANAIS.pdf

“tornar-se mãe” e ter um filho, de preferência do sexo masculino, como substituto fálico e concretização derradeira da equivalência “ser mulher = ser esposa = ser mãe”. Assim, nas palavras da autora:

Tornando-se mãe de um filho, a mulher poderá “transferir para ele todo o orgulho que nunca lhe foi permitido ter dela própria” (Freud em “Lá Feminité”) e, a falta do pênis não tendo nada de seu poder motivador, “somente as relações entre a mãe e o filho serão capazes de dar à mãe uma plenitude de satisfação, pois, de todos os relacionamentos humanos, são os mais perfeitos e os mais desprovidos de ambivalência” (Freud em “Lá Feminité”). Esse modelo, perfeito, de amor humano poderá, portanto, ser transferido ao marido, “a felicidade conjugal ficando instável uma vez que a mulher não conseguiu fazer de seu esposo seu filho” (Freud em “Lá Feminité”). O difícil percurso que a menina, a mulher, devem ter para realizar sua “feminilidade” encontra, portanto, seu termo ao parir um filho, na maternidade do filho. E, por conseguinte, do marido. (LUCE IRIGARAY, 2017 [1977], p. 54).

O que Luce Irigaray nos ajuda a perceber é a profundidade de um discurso machista e misógino no coração do referencial teórico psicanalítico, ou seja, no discurso freudiano. Nesse sentido, o que é possível deduzir é que a produção teórica em psicanálise, bem como a prática clínica aí sustentada, podem ter contornos profundamente machistas e lesbofóbicos. Esse duplo rechaço percebido nesse recorte do contexto psicanalítico pode ser analisado, em uma perspectiva macro, como sendo uma vivência bastante familiar àqueles e àquelas que por diferentes marcadores sociais e culturais sofrem, sucumbem, existem e resistem às consequências da marginalização. Nas palavras de Audre Lorde (1979):

Aquelas de nós que estão fora do círculo do que essa sociedade define como mulheres aceitáveis, aquelas de nós que foram forjadas nos caldeirões da diferença – aquelas de nós que somos pobres, que somos lésbicas, que somos negras, que somos velhas – sabemos que sobrevivência não é uma habilidade acadêmica. É aprender a estar sozinha, impopular e às vezes insultada, e a fazer causa comum com aquelas outras identificadas como externas às estruturas, para definir e buscar um mundo no qual todas nós possamos florescer. É aprender a tomar nossas diferenças e torná-las forças. Pois as ferramentas do senhor nunca vão dismantelar a casa-grande. Elas podem nos permitir a temporariamente vencê-lo no seu próprio jogo, mas elas nunca nos permitirão trazer à tona mudança genuína. E esse fato só é uma ameaça àquelas mulheres que ainda definem a casa-grande como sua única fonte de suporte.

Na pele dessa personagem duplamente desqualificada por ser mulher e por ser lésbica, uma psicanalista na posse de tais marcadores engendra, apesar dos pesares e quando se sobrevive, a potência de uma visada estrangeira sobre a própria psicanálise. Estar de fora é também potência de alteridade e devir, de um saber-se faltante que dificilmente frui a ilusão da completude disparada pela sensação de pertencimento.

Persona non grata, pária, dissidente, marginal – esse “estar fora” que propicia um espaço-tempo para o não-Eu. Uma quebra narcísica fecunda na fabricação de novos mundos talvez não mais tão massificados, uniformizados, monocromáticos, hetero-cis-branco-monogâmicos.

Contudo, vale apontar, não me parece acertado supor que ser uma psicanalista lésbica, por si só, garantiria tais efeitos de disruptivos e de defesa da diferença. Assim como Butler (1990) assinala:

Se a sexualidade é construída culturalmente no interior das relações de poder existentes, então a postulação de uma sexualidade normativa que esteja "antes", "fora" ou "além" do poder constitui uma impossibilidade cultural e um sonho politicamente impraticável, que adia a tarefa concreta e contemporânea de repensar as possibilidades subversivas da sexualidade e da identidade nos próprios termos do poder. (JUDITH BUTLER, 2010[1990], p. 55)

Nesse sentido, Butler (1990) parece destacar que não existiria algo como uma sexualidade(s) fora da norma. O que conseqüentemente aponta para o fato de que estar em uma relação lésbica não afiança uma ação de subversão ou uma resposta eficiente contra o que poderíamos nomear de uma “compulsão à repetição”⁹ da heterossexualidade hegemônica – repetimos, na maioria das vezes de forma extensamente inconsciente, padrões, modelos e ideias pautados em uma lógica heterocisnormativa que aprisiona os corpos e as relações em binarismos e lógicas de poder, independentemente de estarmos falando de relações hetero ou homoafetivas.

A questão é: apesar de não garantir, é certo que a(s) lesbianidade(s) propiciam uma tensão que, no contraste com as hegemônicas ficções reguladoras do sexo, engendram a própria (re)produção da diferença e a ruptura com lógicas fixas que barram a abertura ao devir e a uma vida criativamente vivida - isto não é pouco. Isto é, em uma grande síntese, o próprio propósito da clínica psicanalítica que propõe a emergência de processos criativos e a posição ética de saber-se faltante.

⁹ Faço uso aqui do conceito psicanalítico de compulsão à repetição proposto por Freud a partir de suas teorizações acerca da questão da pulsão de morte. Em linhas gerais, Freud, já em um período maduro de sua obra (após 1920) propõe uma dualidade pulsional de base para pensar a questão da economia psíquica – a dualidade entre pulsão de vida e pulsão de morte. Todas as forças que impulsionam o aparelho psíquico e que exigem deste movimento e trabalho estariam associadas a forças pulsionais de vida e, em contrapartida, aquelas forças que tendem à inércia estariam associadas à pulsão de morte. Lembrando que Freud se mostra paradoxal em seu dualismo, asseverando que pulsão de vida e pulsão de morte encontram-se amalgamadas em maior ou menor grau, a compulsão à repetição engendraria sobremaneira forças que tendem à inércia, portanto obedeceriam a lógica pulsional de morte. Assim, a gravidade do aprisionamento inconsciente que significa a compulsão à repetição se mostra uma das questões clínicas centrais no trabalho de uma análise.



Nesse sentido, aliás, no que se refere à heterossexualidade compulsória, algo que poderíamos chamar "fobia da alteridade" se destaca. Seria algo como um medo irracional evocado no contraste com um outro não-Eu que resulta, pelo efeito da diferença, em um abalo das bases que sustentariam a existência daqueles que se sentem (e isso não necessariamente de forma consciente) no centro e não na margem.

No recorte aqui proposto, pergunto, a dificuldade no campo psicanalítico com relação aos espaços abertos e defendidos pelas psicanalistas mulheres poderia estar, então, ligada à possibilidade de um abalo nas bases dos cânones psicanalíticos? Por que, afinal, são tão raras e pouco expressivas as vozes e produções das psicanalistas? Por que escutamos recorrentemente que “Freud deu voz às mulheres” e aceitamos tal jargão sem nem aventar que essas mulheres já tinham voz e não deveriam¹⁰ precisar do aval de um homem para se fazer ouvir? Além disso, quais mulheres eram essas que Freud ouviu e propôs sua teoria? É sabido que eram mulheres brancas e da burguesia vienense. Como podemos ainda hoje nos pautar na produção teórica da escuta de um homem que, na Viena do século XVIII e XIX, atendeu mulheres cujos marcadores de raça, classe, orientação sexual, etc. eram nitidamente restritos a uma população específica para pensar o fazer clínico em psicanálise hoje? Onde e como a teoria psicanalítica precisa se (re)elaborar para que as e os psicanalistas estejam minimamente assegurados de uma perspectiva interseccional que contemple marcadores de classe, raça, gênero, etc.?

Como psicanalista, penso que tais respostas podem advir de uma posição que contemple um saber-se em devir e a necessidade de sustentação do paradoxo que é a precariedade identitária. Se exige, pois, das e dos psicanalistas que se suporte a angústia de um não-saber e de um estado de suspensão que propiciaria, além de um posicionamento ético embasado no não-saber, a própria possibilidade de abertura à revisão da teoria. *Os* autores cânones (e aí o artigo é mesmo no masculino) não precisam ser lidos como absolutos e inquestionáveis, cabe às e aos psicanalistas uma atitude ética de “salutar desconfiança”, poderíamos assim propor. Uma posição crítica que não aceita inquestionavelmente tudo que recebemos da teoria ou que não se apressa em crer que aquilo que se apreendeu é o todo de uma dada proposição teórica, mas que acessa a possibilidade de tensionar aquilo que recebe no sentido de verificar se marcadores de raça, gênero, classe, etc. não estariam engendrando discursos misóginos, lgbtfóbicos, classistas, racistas, capacitistas, etc.

¹⁰ Por que raramente passa pela cabeça das pessoas que escutam essa frase uma crítica quanto à faceta paternalista viabilizada por esse discurso de que Freud deu voz às mulheres, de que só Freud ouviu as mulheres, de que foi o único que se interessou pelo sofrimento das mulheres e sua época e que por isso seria ele “menos machista” na origem?



Em outras palavras, é no exercício de questionar essas possíveis tendências machistas, misóginas e lesbofóbicas contidas no contexto da obra freudiana (mas não somente nela) – obra que inequivocamente é um dos pilares da teorização psicanalítica – que o status quo da transmissão em psicanálise estremece gerando algo como uma renúncia à segurança ilusória de uma identidade fixa sustentada por uma inquestionabilidade de seus autores canônicos. Essa “fobia da alteridade” se correlaciona com um medo da “destruição de si”, medo da destituição do Eu, medo do desamparo, medo da morte. Todas essas probabilidades “catastróficas” que, por sua vez, relacionam-se com a proposição freudiana acerca do complexo de castração: todos somos faltantes, todos iremos morrer, a completude é uma ilusão impossível e nossas ideias de unidade, estabilidade e identidade são quiméricas.

Na figura e na voz dos cânones psicanalíticos, hegemonicamente homens cis-brancos-héteros, a personagem do pai, do mestre e do herói é fraturada em sua supremacia quando da reivindicação de espaços de fala e escuta de personagens “ marginais” – aqui, uma psicanalista lésbica.

Muitos poderão asseverar que ao se pautar na lógica identitária eu estaria caindo nas redes da dimensão imaginária e que é secundário e fragilmente embasado partir desse lugar para propor uma reflexão sobre a teoria psicanalítica – esses muitos possivelmente serão homens brancos, cis, hetero ou, no máximo, mulheres, brancas, cis, hétero – é muito difícil acessar o impacto da lógica identitária quando ocupamos confortavelmente o centro e não a margem. Existem consequências em ser mulher, existem consequências em ser lésbica, existem consequências em ser mulher, lésbica e psicanalista (Anna Freud e Dorothy Burlingham que o digam) e essas consequências mostram que, presentemente, é quimérico desconsiderar esses marcadores da diferença.

Em síntese, quando esse outro/não-Eu significa a impossibilidade de uma sensação de segurança e de certeza acerca das bases que sustentariam minha identidade, trata-se portanto de dar conta da angústia de uma impossibilidade de solidez identitária. Sustentar a diferença e a alteridade é também sustentar a própria falta, desamarrando qualquer pilar ilusório acerca de hegemonias, de homeostases e de massificações.

Retomando, pois, o exemplo de Anna e Dorothy, independente da factualidade de uma relação erótico-genital, por assim dizer, a potência de trazer à tona essa história e de lutar contra seu apagamento se encaixa na proposta de Adrienne Rich com relação ao seu conceito de “continuum lésbico”. Este conceito propõe que pensemos as relações entre mulheres e a potência social e política dessas vinculações na extensão que vai desde intensidades mais



primárias até o compartilhamento de uma vida interior mais rica. Para a autora: “a existência lésbica inclui tanto a ruptura de um tabu quanto a rejeição de um modo compulsório de vida. É também um ataque direto e indireto ao direito masculino de acesso às mulheres. Mas é muito mais do que isso, de fato, embora possamos começar a percebê-la como uma forma de exprimir a recusa ao patriarcado, é um ato de resistência.” (Adrienne Rich, [1980] 2010, p. 36).

Contar e defender a memória dessas histórias sistematicamente apagadas que contém a potência da criação advinda da união entre mulheres, permite a resistência à compulsoriedade da lógica masculinista e heteronormativa que relega à mulher e à lesbianidade uma posição de subalternidade, apagamento e desautorização.

Ao defender o acesso e a memória da produção e das relações entre psicanalistas mulheres, quer sejam relações de amizade, amorosas, de trabalho, etc., busca-se a efetivação e o fortalecimento das conexões que permitem união e luta contra a hegemonia masculinista que invisibiliza e inviabiliza o protagonismo e o devir daqueles e daquelas relegados à margem. Em outros termos, é válido evocar uma passagem de Angela Davis (1987): "Hoje, quando refletimos sobre o processo de empoderamento das mulheres afro-americanas, nossas estratégias mais eficazes continuam sendo aquelas guiadas pelo princípio adotado pelas mulheres negras do movimento associativo. Precisamos nos esforçar para "erguer-nos enquanto subimos". Há aqui uma perspectiva ética e uma perspectiva estratégica e prol desta ética.

Nos termos da ética: a defesa da diferença – eis o âmago da própria ética psicanalítica que nas proposições sobre a castração, a falta, a incompletude e o desamparo, defende a luta contra as tendências à manutenção de ilusões de completude, tamponamento da falta e tendência à inércia.

Nos termos da estratégia: união e cooperação mútua. Ou seja: que estudemos as mulheres psicanalistas, estudemos as mulheres lésbicas psicanalistas, citemos as mulheres psicanalistas, ressoando suas histórias, vozes e construções para, talvez assim, propormos uma (re)escrita da teoria e da clínica psicanalítica que resguarde mais consistentemente a abertura aos corpos e devires-outros.

Referências

BULAMAH, Lucas Charafeddine. **História de uma regra não escrita**: a proscrição da homossexualidade masculina no movimento psicanalítico. 2014. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. doi:10.11606/D.47.2014.tde-27052014-161424. Acesso em: 2020-03-26.

BUTLER, Judith [1990] **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Editora: Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2010.

DAVIS, Ângela [1987] **Vamos subir todas juntas: perspectivas radicais sobre o empoderamento das mulheres afro-americanas**. ANGELA DAVIS: mulheres, cultura e política. BOITEMPO: São Paulo, 2017.

IRIGARAY, Luce. **Este sexo que não é só um sexo: sexualidade e status social da mulher**. Senac Edições, São Paulo, 2017.

LORDE, Audre [1979] **As ferramentas do senhor nunca vão dismantelar a casa grande**. In: textos escolhidos de Audre Lorde. Herética difusão independente. Zine DIFUSÃO HERÉTICA – edições lesbofeministas independentes, 2012.

RICH, Adrienne. [1980]. **Heterossexualidade compulsória e a existência lésbica**. Tradução de Carlos Guilherme do Valle. Revista Bagoas. Nº 05. 2010.

VIEIRA, Luciana Leila Fontes. **As múltiplas faces da homossexualidade na obra freudiana**. Rev. Mal-Estar Subj., Fortaleza, v. 9, n. 2, p. 487-525, jun. 2009 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482009000200006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 26 mar. 2020.

YOUNG-BRUEL, Elisabeth. **Anna Freud: uma biografia**. Editora Imago, Rio de Janeiro, 1992.

Recebido em: 01/12/2019

Aceito em: 30/01/2020